



CONHECENDO O PROJETO DE EXTENSÃO LABORATÓRIO DE ESCRITA

Anna Luiza dos Santos Oliveira Tomé¹

Giovana Cerqueira Lopes Nunes²

Juciele Pereira Dias³

No evento XI Seminário de Estudos em Análise de Discurso – Escutas do (in)dizível: formação social, ideologia, real participamos da Sessão Coordenada VI e tivemos o privilégio de apresentar nosso trabalho nomeado “Conhecendo o projeto de Extensão Laboratório de Escrita” que tem por objetivo expor e apresentar o dia a dia na sala de aula das turmas de 7º ano do Colégio de Aplicação da UERJ, Instituto Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado vai destacar os pontos de pesquisa, análise e produção nas turmas e como são construídas as aulas. Esta proposta de comunicação está vinculada aos estudos da educação e da linguagem, especialmente à Análise de Discurso de Eni Orlandi (1988). A renomada linguista brasileira contribui significativamente para a análise do discurso. Seu trabalho destaca-se pela abordagem crítica, enfocando as relações de poder presentes na linguagem. Orlandi explora a interconexão entre linguagem, ideologia e sociedade, destacando como as estruturas discursivas refletem e perpetuam relações de poder. Sua perspectiva analítica busca desvelar os processos de significação e as estratégias discursivas utilizadas para construir sentidos, proporcionando uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais por meio da linguagem.

Na sala de aula, a perspectiva de Eni Orlandi sobre a análise do discurso pode ser aplicada para promover uma consciência crítica entre os alunos. Ao incorporar essa teoria, os educadores podem incentivar os estudantes a analisar como a linguagem é usada para transmitir ideias e valores, além de explorar as relações de poder presentes nos textos escolares. Essa abordagem permite que os alunos compreendam melhor as dinâmicas sociais, questionem discursos hegemônicos e desenvolvam habilidades de leitura mais críticas. A sala de aula torna-se um espaço para explorar ativamente como a linguagem influencia e é influenciada pelas estruturas sociais, capacitando os alunos a se tornarem pensadores reflexivos e analíticos.

¹ Cursando graduação em Letras Língua Portuguesa/Literaturas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, bolsista da Residência Pedagógica - CAPES e voluntária do Projeto de Extensão Laboratório de Escrita.

² Professora Substituta do Departamento de Atendimento Educacional Especializado no CAp-UERJ. Graduada em Pedagogia e cursando Letras Língua Portuguesa/Espanhol na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, cursando também Mestrado Profissional em Ensino no PPGEB – CAp-UERJ, bolsista do Projeto de Extensão Laboratório de Escrita.

³ Orientadora. Professora Adjunta no Departamento de Línguas e Literatura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAp-UERJ, Docente no Programa e Pós-graduação em Letras e Linguística PPLIN-UERJ. Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa/Literaturas e Mestrado e Doutorado em Letras e Estudos Linguísticos pela UFSM, com estágio de doutorado-sanduiche na Universidade de Franche-Comté (CAPES-PDEE). Pós-doutorados: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) – UFF (CAPES-PNPD Institucional); e Pós-doutorado sênior no Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional – UFRJ (FAPERJ-PDS).



Para atender às demandas práticas de ensino-aprendizagem, escutas singulares e conhecimentos diversos, o Projeto de Extensão Laboratório de Escrita procura integrar estudantes da educação básica, graduação, pós-graduação e do programa de Residência da UERJ. O objetivo é produzir escritas e reinterpretar possíveis dificuldades no dia a dia da sala de aula, considerando a diversidade dos alunos e suas demandas específicas, agravadas pelo período pandêmico de afastamento do cotidiano escolar. Como temos uma bolsista do projeto e professora substituta do Departamento de Atendimento Educacional Especializado (DAEE), buscamos descrever e interpretar as práticas de leitura e escrita em colaboração com bolsistas da residência pedagógica do subprojeto de Língua Portuguesa da UERJ.

Nesse contexto, este trabalho apresenta o projeto sob a perspectiva de: I) familiarização com o projeto recentemente criado; II) compreensão de sua relevância; III) análise da implementação em curso. O projeto ocorre durante as aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental II, envolvendo todos os participantes em leituras e produções escritas, cada qual com sua especificidade. Embora com foco direcionado aos estudantes do ensino fundamental, o projeto propõe práticas em diferentes formas de escrita, permitindo acessar as leituras dos alunos, conforme propõe Orlandi (2008), ou seja, é uma maneira de conhecer os estudantes e suas relações com diversas formas de leitura, permitindo "verificar a história do leitor em relação às significações, aos modelos de que ele tem domínio" (Orlandi, 2008, p. 91).

O Laboratório de Escrita na sala de aula também valoriza uma leitura polissêmica, como destaca Orlandi (2008), abrindo para interpretações livres e diversas produções de sentidos. Cada indivíduo traz consigo vivências histórico-sociais e culturais, proporcionando espaço para todas as classes sociais e experiências de vida. Isso reafirma a ideia de Freire (2018) de que para ensinar é preciso aprender a escutar e não monopolizar o discurso. Portanto, para nós, bolsistas do projeto, entendemos que a escuta de todos os sentidos e interpretações são cruciais para o andamento da pesquisa e, principalmente, da aula. Além disso, ao longo da trajetória do projeto, bolsistas e estudantes da pós-graduação e residência participaram de atividades coletivas de leitura e escrita, além de acompanhamentos individuais com os estudantes com mais dificuldades.

Além disso, foram realizadas oficinas como "Escritas: do passado ao presente" e "Caminhos para a escrita", explorando as transformações da escrita ao longo do tempo/história e dos materiais utilizados. Houve também uma discussão sobre como a escrita pode ser algo prazeroso e natural para os estudantes. Entre as atividades em desenvolvimento, destaco o mapeamento das condições de produção de escrita e demandas específicas de ensino-aprendizagem, que é uma atividade constante no cotidiano escolar. Isso inclui o acompanhamento individual em atividades e avaliações conforme a demanda dos educandos, incluindo os estudantes em situação de inclusão. Assim, há a participação em atividades de formação sobre escrita com professores pesquisadores e a colaboração na organização de oficinas de escrita ministradas por eles.

Enquanto isso, o público de bolsistas e colaboradores envolvidos está em constante aprendizagem da vivência escolar como professores em formação e também assume a posição de sujeitos

autores nas atividades realizadas, como evidenciado neste trabalho. Mesmo ao entendermos o processo de leitura e escrita no espaço escolar, é crucial ressaltar que "nem a escrita nem a leitura se esgotam no espaço escolar" (Orlandi, 2008, p. 92). Portanto, é necessário compreender o educando como um sujeito complexo para além da escola, com experiências e leituras diversas, não apenas de textos escritos, mas, como defende Freire, também leituras de mundo. Isso inclui "leituras" no plural, pois além de existirem diversos textos, há a "possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras" (Orlandi, 2008, p. 87), não apenas por pessoas diferentes, mas também quando lemos o mesmo texto em diferentes fases da vida, criando diversas formas de lê-los e interpretá-los, e é isso que o projeto busca valorizar.

Como nosso olhar é mais voltado para teoria de Eni Orlandi, as pautas debatidas e implementadas na sala de aula passam sempre por algum conceito teorizado ou desenvolvido por ela. Nesse sentido, a abordagem da escuta social na sala de aula, quando considerada à luz das reflexões da autora, revela-se como um elemento de fundamental importância para o processo educacional. Orlandi destaca a relevância da linguagem na construção de sentidos e na relação entre sujeitos sociais. Nesse contexto, a escuta social emerge como uma ferramenta valiosa para compreender as múltiplas vozes presentes no ambiente educacional.

A sala de aula é um espaço onde se entrelaçam diferentes discursos, provenientes de contextos sociais diversos. A escuta social, portanto, transcende a mera audição das palavras; ela implica uma compreensão sensível e crítica dos significados subjacentes aos discursos dos estudantes. Orlandi enfatiza que a linguagem é intrinsecamente ligada ao poder e à ideologia, e a escuta atenta possibilita a identificação das nuances presentes nos discursos, revelando as relações de poder subjacentes.

Ao adotar a perspectiva da escuta social, o educador torna-se capaz de captar as vozes silenciadas, os subtextos e as tensões presentes nas interações em sala de aula. Esse processo vai além do simples ato de ouvir; requer uma consciência crítica das diferentes formas de expressão dos sujeitos sociais, possibilitando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais presentes no contexto educacional.

A escuta social também é uma via para a construção de um ambiente inclusivo e participativo. Ao reconhecer e validar as diferentes perspectivas presentes na sala de aula, cria-se um espaço que valoriza a diversidade e promove a construção coletiva do conhecimento. Orlandi ressalta que a linguagem é um espaço de luta simbólica, e a escuta ativa contribui para democratizar esse espaço, permitindo que as vozes marginalizadas sejam ouvidas e respeitadas.

Além disso, ela pode ser um catalisador para a transformação social. Ao compreender as narrativas dos estudantes e reconhecer as questões sociais presentes em seus discursos, os educadores podem orientar suas práticas pedagógicas para abordar temas relevantes e promover a conscientização crítica. A sala de aula, então, torna-se um espaço não apenas de transmissão de conhecimento, mas também de construção de consciência social.

Em síntese, a incorporação da escuta social na sala de aula, à luz das contribuições teóricas de Eni Orlandi, revela-se como um meio essencial para uma educação verdadeiramente inclusiva, crítica e transformadora. A escuta atenta às vozes dos estudantes não apenas enriquece o processo educacional, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O Projeto Laboratório de Escrita, uma iniciativa de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), representa uma abordagem inovadora para integrar estudantes de diferentes níveis educacionais. Este projeto visa fomentar a escuta social como elemento central.

Em consonância com os princípios da escuta social, o objetivo primordial do Laboratório de Escrita é produzir escritas e reinterpretar as possíveis dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula. Este processo é conduzido de maneira a considerar a diversidade dos alunos, levando em conta suas demandas específicas. É importante ressaltar que a complexidade dessa tarefa é acentuada pelo contexto pandêmico que trouxe consigo o afastamento do ambiente escolar cotidiano.

A integração de estudantes de diferentes níveis educacionais é fundamental para promover uma compreensão abrangente e holística das experiências escolares. A participação ativa de estudantes da educação básica proporciona uma perspectiva valiosa, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências consideradas na construção de estratégias e soluções.

A produção de escritas, no contexto do Laboratório de Escrita, não é apenas um exercício acadêmico, mas uma forma de expressão que reflete as vivências dos alunos. Através dessa produção, busca-se não apenas documentar as dificuldades enfrentadas, mas também reinterpretá-las à luz de abordagens inovadoras e inclusivas. A atenção às demandas específicas dos alunos torna-se ainda mais crucial diante das adversidades trazidas pela pandemia. O afastamento do cotidiano escolar trouxe desafios únicos, como a adaptação ao ensino remoto, questões relacionadas ao acesso à tecnologia e a gestão emocional diante das incertezas.

Assim, ao reconhecer e abordar essas questões de maneira colaborativa, o Laboratório de Escrita não apenas contribui para a compreensão das dificuldades enfrentadas, mas também propõe soluções práticas e inovadoras. A interdisciplinaridade entre os diferentes níveis educacionais e a consideração da diversidade dos alunos são os pilares que sustentam esse projeto, tornando-o uma iniciativa valiosa para promover a escuta social e aprimorar a qualidade da experiência educacional em um contexto desafiador

O desenvolvimento do projeto no laboratório de escrita avança em direção a fases cruciais que fomentarão a colaboração e contribuirão para a produção acadêmica. As próximas etapas concentram-se na partilha de observações em sala, na descrição e interpretação colaborativa das demandas identificadas, na análise metódica dessas observações para iniciar a produção acadêmica em escrita colaborativa, visando futura publicação, e, por fim, na avaliação dos resultados obtidos ao longo do projeto.

A primeira fase engloba a partilha de observações realizadas durante as atividades em sala de aula. Neste contexto, é crucial fomentar um ambiente propício à colaboração, encorajando os participantes a



compartilharem suas percepções e reflexões sobre o andamento do projeto. Este intercâmbio de experiências proporcionará uma base rica para análises subsequentes.

Seguindo, a descrição e interpretação colaborativa tornam-se imperativas. As sessões dedicadas a essa fase visam aprofundar a compreensão coletiva das demandas identificadas. Estimula-se, assim, discussões colaborativas que permitam identificar padrões, tendências e nuances nas observações individuais. O objetivo é formar uma compreensão mais holística e abrangente das necessidades identificadas.

A análise das observações representa a etapa subsequente, sendo crucial para a produção acadêmica. Utilizando as observações compartilhadas como base, busca-se uma análise crítica das demandas identificadas. O propósito é explorar como essas demandas podem ser abordadas de maneira acadêmica, instigando a colaboração na identificação de lacunas no conhecimento existente e na formulação de abordagens inovadoras. A produção acadêmica em escrita colaborativa, por sua vez, é o desdobramento natural desse processo. A utilização das observações como fundamento colaborativo permite a elaboração de textos, ensaios ou artigos que atendam às demandas identificadas. Estabelecem-se diretrizes claras para a colaboração, incluindo a divisão de tarefas, revisões mútuas e feedback construtivo, visando uma produção coesa e robusta.

Por fim, a avaliação dos resultados do projeto torna-se essencial. Implementa-se um processo de avaliação rigoroso, considerando critérios como originalidade, relevância, contribuição para o conhecimento e eficácia na abordagem das demandas identificadas. Avaliações formativas ao longo do processo permitem ajustes estratégicos conforme necessário, consolidando, assim, um projeto que promove a excelência na produção acadêmica mediante uma abordagem colaborativa e reflexiva.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni Puccinelli. A história do sujeito-leitor: uma questão para a leitura. *In*: ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 47-50.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Significação, leitura e redação. *In*: ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 85-94.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.